

NOMES ATRIBUTIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO

Beatriz Nunes de Oliveira LONGO¹

- RESUMO: Apresentam-se os resultados do estudo de um *corpus* de construções N₁N₂, do português brasileiro falado, em que se focalizaram os nomes em função adjetiva com o intuito de discutir as suas propriedades sintático-semânticas e algumas condições que favorecem ou inibem seu emprego.
- PALAVRAS-CHAVE: Sintaxe; semântica; língua falada; nome atributivo; adjetivo.

Introdução

No trabalho cotidiano de elaboração de dicionários, alguns fenômenos lingüísticos saltam aos olhos e ficam a martelar nosso cérebro, como que exigindo um estudo sistemático. Ao iniciar a redação de verbetes para o *Dicionário de usos do português contemporâneo do Brasil* (DUP), sob a coordenação do professor Francisco da Silva Borba, uma das questões que logo chamaram a atenção foi que muitos nomes não cumpriam a função de designar, e sim a de caracterizar. Como exemplo, cito algumas seqüências, extraídas do *corpus* principal do DUP.²

1 Departamento de Linguística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil – longo@sunrise.com.br. A pesquisa contou com o auxílio de uma bolsista de Iniciação Científica, Karina Lutz (CNPq/PIBIC).

2 À época da realização da pesquisa, o *corpus* principal compunha-se de cinco milhões de ocorrências em textos, escritos em prosa, do português do Brasil, abrangendo as seguintes modalidades de literatura: técnica, oratória, romanesca, dramática e jornalística.

- (1) não ficou apenas o lado *crime e sangue*
- (2) e a menina virou gatinha *discoteque, careta, alienada*
- (3) nunca padeceu da dor *fantasma* dos amputados
- (4) os seus tons *pastéis* contrastam com as cores quentes das araras
- (5) o GOES cumpria a importante missão de vigiar a formação de furacões e de enchentes *relâmpagos*

Em todos esses casos, temos o que Noailly (1990, p.11) denominou substantivo epíteto, isto é, “todo nome que ocorre em posição de N_2 num grupo nominal do tipo (Art) N_1N_2 onde os dois nomes N_1 e N_2 se sucedem diretamente sem preposição nem pausa”.

Segundo a autora, tais características o distinguiriam do aposto, que implica pausa, e do predicativo, que exige a intermediação de verbo.

Embora não se trate de construção nova,³ parece estar-se ampliando mais rapidamente nas últimas décadas. Para Noailly (1990, p.13), no francês, a construção é tão velha quanto o idioma, mas o aumento da produção explica-se por uma mutação sintática: “*notre langue, parvenue au bout de son chemin ‘analytique’, reprendrait la route en sens inverse et s’essaierait à des formes syntaxiques plus brutes, plus primaires, plus immédiates, avec moins d’articles, moins de suffixes,, moins de prépositions*”.

Para Béchade (1986), o epíteto exprime uma qualidade. Trata-se, portanto, de um item adjetivizado. Noailly, entretanto, mostra que nem todo N_2 é qualificativo. Tanto esta autora como Levi (1978) estabelecem uma correlação entre esses nomes e os adjetivos chamados relacionais ou não predicativos, que corresponderiam a construções com preposição:

- (6) a categoria *do nome*
- (7) a categoria *nominal*
- (8) a categoria *nome*

Segundo Noailly, a construção com preposição é mais antiga e típica da norma culta; a construção com adjetivo relacional é mais moderna, mas menos elegante; e a construção direta é mais “jovem” e mais restrita.

Ambas as autoras questionam a hipótese da adjetivação de nomes: Levi, com base em propriedades como a impossibilidade de comparação/intensificação e a incompatibilidade com afixos que normalmente se combinam com adjetivos, conclui que os nomes atributivos nunca

³ Na *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Rocha Lima (1984, p.263), constam os seguintes exemplos: *palavras-ouríços* (de Alexandre Herculano), *ventos bonanças* (de Alberto de Oliveira).

sofrem conversão categorial, e Noailly assinala que o N_2 , a não ser na qualificação, traz sempre um “resquício” de substantivo.

Com o intuito de testar tais hipóteses e de caracterizar o comportamento de N_2 no português falado no Brasil, empreendemos um estudo de construções NN extraídas do *corpus* do projeto Nurc/São Paulo (década de 1970), e complementadas por dados mais atuais (década de 1990) coletados em programas de TV (jornais, entrevistas e “talk shows”), bem como em gravações constantes do *corpus* do Projeto “Censo da região central do Estado de São Paulo”.⁴ Nossa hipótese inicial era que, por tratar-se de uma construção jovem, característica de linguagem informal, deveria ser produtiva na fala. Relatamos aqui alguns resultados desse estudo, que se preocupou principalmente com a caracterização de N_2 na língua falada e com alguns fatores que influenciam o seu emprego.

A constituição do *corpus*

O *corpus*, que se compõe de 216 ocorrências de nomes atributivos, foi montado com base na análise das seguintes transcrições de amostras da língua falada:

- Projeto Nurc/SP

D2 – inquéritos 343, 62, 255, 360, 396, 333

EF – inquéritos 141, 124, 156, 153, 377, 338

DID – inquéritos 18, 161, 137, 208, 234, 235

- Projeto Censo

DID – Engenheiro agrônomo, estudante de fonoaudiologia, sentinela de banco, estudante de letras₁, estudante de letras₂, dona de casa

EF – Seminário de Literatura, aula sobre Chomsky

- Gravações de TV

D2 – Fanzine₁, Fanzine₂

EF – Roda Viva

No total, são 19 informantes do sexo masculino e 19 do sexo feminino, compondo 9h10min de diálogos, 7h18min de entrevistas e 7h18min de elocuções formais. Pertencem à primeira faixa etária (até 35 anos) 16

4 Coordenação da Prof^ª Dr^ª Odette Gertrudes L. A. S. Campos.

informantes; à segunda (de 36 a 55), 14 informantes; e à terceira (de 56 em diante), os 8 restantes.

Funções sintático-semânticas do nome atributo

Do ponto de vista semântico, podemos atribuir ao adjetivo as funções de qualificador e de classificador. Para Borba (1996, p.177),

As relações contraídas pelos QL com os nomes são internas porque se incorporam (de forma acidental ou essencial) à natureza do nome, como se constituíssem um traço dele: um menino *maroto*, as folhas *secas*, esta parede *espessa*. As relações estabelecidas entre nome e CL são externas porque apenas colocam o nome numa determinada classe: porque *municipal*, reforma *cambial*, resposta *telegráfica*.

Do ponto de vista sintático, os adjetivos têm recebido tradicionalmente a classificação de adjuntos, mas a verdade é que podem também fazer parte do sistema de transitividade dos nomes, como se observa nas frases que seguem, também extraídas do DUP:

- (9) solicitava-se a colaboração da seção de investigações *criminais*
- (10) multiplicaram-se as visitas *presidenciais* aos países do continente
- (11) A partir desta data começou a evolução *esportiva* em todo o mundo

Em (9-11), os nomes associam-se a argumentos expressos por sintagmas adjetivos, mantendo, portanto, a sua estrutura argumental sem o recurso a sintagmas preposicionais. Neves (1996, p.120) salienta que:

- (a) Há sintagmas nominais que guardam relação semântica, sintática e até morfológica com sintagmas verbais;
- (b) a estrutura léxica desses Sns é similar à de um SV: o núcleo do SN (o N) determina argumentos, do mesmo modo que o núcleo do SV (o V);
- (c) a própria caracterização dos argumentos em externo (sujeito) e interno(s) (complemento(s)) é mantida nesse paralelismo.

Disso se deduz que tais nomes são abstratos de ação, processo, ou estado⁵ e, do mesmo modo que os núcleos verbais, atribuem papel temático aos seus argumentos. Assim, em (9), *criminais* receberia papel de Tema, funcionando como complemento do nome *investigações*. Em

5 Em seu estudo, Neves distingue os nomes de modalidade, que consideramos como subtipo dos nomes de estado.

(10), *presidenciais* estaria em relação subjetiva com *visita*, recebendo o papel de Agente. Em (11), *esportiva* receberia o papel de Tema de *evolução*, e teria também função subjetiva. Podemos então atribuir aos adjetivos as funções sintáticas de adjunto e de complemento do nome. Tudo indica que existe uma correlação entre o papel semântico de qualificador e a função de adjunto, mas os classificadores podem ser complementos ou adjuntos, como em (9) e (10-11), respectivamente.

Observando os N_2 do português falado, verificamos que eles podem contrair com os N_1 as mesmas relações sintático-semânticas que os adjetivos:

- N_2 QL adjunto – ah a gente pega uma excursãozinha *bala* junto com o pessoal
- N_2 CL adjunto – eu acho que a planta *milho*...já é muito forte
- N_2 CL complemento – foi uma palestra de oito minutos sobre a ocupação *Amazônia*

Além de compartilharem as mesmas funções dos adjetivos, os nomes atributivos, segundo Noailly, podem exercer também função de coordenados e de identificadores, como vemos em:

(12) só que a gente chamou de *clip-depoimento*...

(13) vamos acompanhando... agora o elemento *surpresa* é importante...

Na coordenação, os dois nomes têm o mesmo grau de importância, como se evidencia pela possibilidade de intercâmbio:

(14) só que a gente chamou de *depoimento-clip*.

No processo de identificação, N_2 delimita ou define N_1 , respondendo à pergunta “Qual N_1 ?” e correspondendo ao pressuposto “ N_2 é um N_1 ”

- Qual elemento? O elemento *surpresa*.
- o elemento *surpresa* \Rightarrow *surpresa* é um elemento.

A essas funções podemos acrescentar mais uma, que poderíamos rotular de intensificadora, condicionada, porém, à repetição dos nomes:

(15) em que a palavra desaparece como *palavra palavra*

(16) ...agora...e o *professor professor* mesmo...formado entende?

Conclui-se então que, sintaticamente, os nomes atributos classificam-se em adjuntos, complementos ou coordenados e, semanticamen-

te, podem ser qualificadores, classificadores, identificadores ou intensificadores.

Comportamento sintático-semântico dos nomes atributos

A análise do *corpus* do português falado mostrou que nem todo N_2 recebe papel temático (somente os argumentais) e que os N_2 admitem gradação:

- (17) que é::...pessoal *mais classe alta* ir para o subúrbio
- (18) tem que ser um agricultor mais...vamos dizer *mais tipo A*
- (19) tudo muito teórico tudo *muito caderno escrito*
- (20) o meu era [cabelo] loirinho...loirinho *bem paina* mesmo

A possibilidade de gradação ou comparação é contra-evidência para duas hipóteses: a de que os N_2 se equiparam aos adjetivos relacionais, ou pseudo-adjetivos, não podendo sofrer conversão categorial, e a de que o complexo formado por N_1N_2 é um nome composto. Como se sabe, os compostos são construções fixas, cristalizadas e não admitem a inter-veniência de elementos. Para Levi, o processo de geração é o mesmo, mas a diferença está justamente em que o composto se encontra num estágio mais avançado de evolução lingüística, pois já se lexicalizou. Dessa maneira, todos os grupos N_1N_2 são candidatos a compostos.

No entanto, alguns nomes atributos admitem a modificação por adjetivos ou determinantes, como se observa em:

- (21) ...é uma boate tipo **um** hotel
- (22) ...mas era um carmim *pozinho* **vermelho** né?
- (23) é loiro *mate* **escuro**

Esses dados enfraquecem a hipótese da conversão categorial, mostrando que a melhor solução seria uma análise caso a caso, que foge aos nossos propósitos de discutir algumas características dos nomes atributos.

Outra propriedade que chamou a atenção foi a ocorrência de N_2 compostos e de sintagmas modificadores de N_1 , o que também vai de encontro à hipótese da composição:

- (24) estão protestando agora contra as/a operação *Meninos de Rua*
- (25) malandro é que usava a roupa *canudo de pito*...
- (26) loiro *água* *oxigenada*

Entretanto, em alguns casos, como *mulher objeto*, pudemos perceber alto grau de cristalização, pois houve várias ocorrências do complexo nominal e o N_2 *objeto* parece selecionar o N_1 *mulher*. Esse complexo, portanto, poderia ser classificado como composto.

Assim como os adjetivos, os nomes atributos também se coordenam com outros adjetivos ou nomes, com ou sem elemento conectivo:

- (27) é uma moça *jornalista...poetisa*
- (28) eu não tinha tido a matéria *deficiente mental*
- (29) ele vai pegar prisão *albergue e domiciliar*
- (30) a demanda de moeda *transação mais precaução*

Outra característica das construções com nomes atributos é a recursividade, isto é, a possibilidade de N_2 incidir sobre um complexo N_1N_2 . Isso ocorre sobretudo quando a incidência se faz indiretamente por meio de itens como *estilo, tipo* etc...

Nesses casos, observou-se ainda a incidência de adjetivos ou até mesmo de orações sobre o complexo nominal:

- (31) é diferente da comunicação...*tipo humana* né?
- (32) é o espetáculo:: *gênero*::partindo um pouco pro policial...

Finalmente, procuramos verificar o comportamento dos N_2 em relação a um fenômeno de natureza morfossintática, a concordância. Em línguas como o inglês e o francês, essa propriedade não é relevante, uma vez que o inglês não exhibe concordância nominal e que no francês oral a concordância em número é nula. Mesmo assim, Noailly (1990, p.44) salienta que, embora os dicionários franceses aconselhem a não-concordância, a tendência dos usuários é concordar, o que implica o reconhecimento da adjetivação (*les guerres éclairs; les jeans carottes; des dialogues mitrailleurs*). No caso da concordância em gênero, os dados de Noailly evidenciaram ausência de marcas de feminino, com exceção de uma ocorrência (*une intelligence papillonne*). Para a autora, esse fato não é tão significativo, pois a tendência da categoria nominal no sistema do francês é para o amorfismo.

A análise do *corpus* de português brasileiro falado revelou que a ausência de concordância predomina levemente: 98/216 (45,38%) dos N_2 não concordam, 87/216 (40,27%) concordam e 31/216 (14,35%) não permitem a verificação, por serem nomes invariáveis. De qualquer forma, a presença de concordância é significativa, e não podemos esquecer-nos de que, na língua falada, a concordância é condicionada por diversos fatores de ordem sociolingüística.

O que se pôde anotar, no *corpus*, foram nomes com alto grau de adjetivização, como em *agitações operárias*, outros que mantêm seu estatuto de nomes, como em *casas abrigo*, e até construções em que se percebe nitidamente um apagamento discursivo, com operações de coordenação e condensação, como (33):

(33) essa relação *professor-aluno...eu acho legal(C...)* [< essa relação *entre professor e aluno*]

O emprego do nome atributo

Ao contrário do que esperávamos, o emprego de complexos NN no PB falado não se revelou freqüente. Foi preciso explorar grande quantidade de material – os três volumes do projeto Nurc/SP, todas as gravações do Projeto Censo e os programas de TV – para reunir os 216 exemplos do *corpus*. Mesmo assim, parece que é possível identificar alguns fatores que inibem ou favorecem o emprego dos nomes atributivos.

Como vimos na introdução, o primeiro fator relevante assinalado pelos autores é a tendência da língua para evitar construções com afixos e preposições, substituindo-as por construções sintéticas. A nosso ver, o uso de construções sintéticas também pode ser afetado por um fator de natureza discursivo-textual. Por exemplo, a literatura jornalística, como constatou Noailly, apresenta alto índice de ocorrências, pela necessidade de “enxugamento” da linguagem. Na língua falada, inexistente essa necessidade, o que explicaria a freqüência mais baixa.

Observamos em nosso *corpus* que a função semântica predominante é de classificador (163/216 ou 75,46%). Como se sabe, o sufixo *-al/ar*, formador de adjetivos relacionais, é altamente produtivo no português, concorrendo com a construção sintética e inibindo a sua produção. Em trabalho anterior (Longo et al., 1997), salientamos que o mesmo fator explica a alta produtividade de complexos nominais na língua inglesa: os radicais de origem germânica não aceitam o sufixo *-al*, restrito às formações de origem latina (cf. *oral* x **mouthal*). A lacuna lexical é então suprida pelos nomes.

Com relação às áreas semânticas privilegiadas, verificou-se que em primeiro lugar vêm os nomes de estado natural (*inteligência animal; verde moço*); os nomes próprios também são muito freqüentes, com função de adjuntos identificadores ou de argumentos classificadores

(*loja tipo Mappin; governo Carvalho Pinto*), provavelmente porque tais nomes não aceitam facilmente a sufixação. Na terceira posição, vêm os nomes de profissão (*embaixador poeta; pintores paisagistas*). Basílio (1995), em estudo sobre nomes que expressam agentividade, tentou mostrar que tais nomes resistem à conversão categorial, e só muito raramente ocorrem em função adjetiva. Para Noailly, entretanto, os nomes de profissão (*boulangier; avocat*), bem como os de estado natural (*nain; géant*) e os de situação social (*ami; célibataire; veuf*) estão muito próximos morfológicamente dos adjetivos: não têm gênero imanente, e funcionam facilmente como predicativos sem artigo (*il est avocat/veuf*).⁶ Os resultados que obtivemos, resumidos abaixo, confirmam a hipótese de Noailly:

- Nomes de estado natural – 20 (9,26%)
- nomes próprios – 16 (7,40%)
- nomes de profissão – 15 (6,95%)

Outro fator analisado foi o valor metafórico dos nomes qualificadores. Registramos 53/216 (24,54%) qualificadores, proporção que consideramos significativa. A 41 deles pode ser atribuído valor metafórico, como em *homem chave, loura pus, filme água com açúca*r. Para Noailly, a metáfora se caracteriza pela suspensão de uma parte dos semas constitutivos do lexema empregado. Retém-se apenas uma *qualidade* – como no complexo *justiça lesma*, em que se retém a lenticidão do animal –, daí a facilidade de emprego de nomes metafóricos em função adjetiva.

Verificamos que o grau de escolaridade também é pertinente, uma vez que nos falantes com primeiro grau incompleto (gravações do Projeto Censo) só foram encontradas ocorrências de construções já cristalizadas, como *calça jeans*, fato que nos levou a excluir da análise os inquéritos com informantes de baixa escolaridade. Embora não tenhamos realizado um estudo quantitativo, concluímos que a produtividade aumenta de acordo com o nível de escolaridade: falantes com nível universitário tendem a produzir mais N₂.

Os resultados relativos ao grau de formalidade não foram conclusivos. Em 7h18min de gravações de elocuições formais, registramos 58/216 (26,85%) ocorrências, uma proporção de 8 ocorrências por hora; em 7h49min de DID, 63/216 (29,16%) ocorrências, uma proporção de 8,5/hora. E em 9h10min de D₂, o tipo de inquérito com a modalidade mais es-

⁶ Essa observação é válida para o português, mas não para o inglês: Ele é *advogado*/He is a *lawyer*.

pontânea de linguagem, 95/216 (43,99%) ocorrências, uma proporção um pouco mais alta, correspondente a 10,5/hora. Embora isso sugira uma tendência da linguagem informal para favorecer o uso dos nomes, seria necessário um estudo mais preciso, com cálculos estatísticos refinados, para chegar a um resultado definitivo.

Analisando apenas os diálogos entre dois informantes do projeto Nurc, forma mais espontânea e que envolve falantes dos dois sexos em condições bastante semelhantes de interação, verificou-se um equilíbrio relativo entre homens e mulheres no emprego das construções NN, com ligeira predominância para o sexo feminino: 30/55 (54,55%) contra 25/55 (45,45%) do sexo masculino.

Considerações finais

O estudo dos nomes atributivos no português brasileiro falado revelou que as construções N_1N_2 não são altamente produtivas na linguagem falada, mas apresentam um índice de ocorrências suficiente para podermos fazer algumas previsões sobre suas características e seu emprego:

- embora na maior parte dos casos tenhamos uma simples expansão das propriedades do nome em função adjetiva, é possível a conversão categorial do nome em adjetivo;
- os nomes atributivos do português falado são preferencialmente adjuntos (sem papel temático, portanto) classificadores e ocorrem em posição isolada (não são modificados nem se coordenam com outros itens);
- dos N_2 qualificadores, a maior parte tem valor metafórico e conotação apreciativa ou depreciativa;
- as áreas semânticas privilegiadas são as dos nomes de estado natural, nomes próprios e nomes de profissões. Ao contrário do que prevíamos, os nomes de cores não são frequentes;
- a concorrência com formas sufixais e a ausência de necessidade de enxugamento são fatores que inibem a produção/productividade das construções com nomes atributos;
- a existência de lacunas lexicais adjetivas e o emprego metafórico favorecem as construções NN;
- quanto aos fatores grau de escolaridade, grau de formalidade e sexo, haveria necessidade de estudos mais aprofundados, mas a

análise efetuada sugere que o nível mais alto de escolaridade, a linguagem informal e o sexo feminino também favorecem o emprego de N₂.

LONGO, B. N. de O. Attributive nouns in spoken Brazilian Portuguese. *Alfa (São Paulo)*, v.44, p.273-283, 2000.

- **ABSTRACT:** *In this paper, we have addressed attributive nouns in spoken Brazilian Portuguese, in order to discuss their syntactic and semantic properties as well as conditions that favour or inhibit their use.*
- **KEYWORDS:** *Syntax; semantics; spoken language; attributive noun; adjective.*

Referências bibliográficas

- BASÍLIO, M. O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português. In: HEYE, J. (Org.) *Flores verbais*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p.177-92.
- BÉCHADE, H. *Syntaxe du français moderne et contemporain*. Paris: PUF, 1986.
- BORBA, F. S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- BORBA, F. S. et al. *Dicionário de usos do português contemporâneo do Brasil*. (no prelo).
- LEVI, J. N. *The syntax and semantics of complex nominals*. New York: Academic Press, 1978.
- LONGO, B. N. O. et al. Os nomes em função adjetiva não predicativa: contrastes. *Alfa (São Paulo)*, v.41, p.91-107, 1997.
- NEVES, M. H. M. Estudo da estrutura argumental dos nomes. In: KATO, M. A. (Org.) *Gramática do português falado: convergências*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. v.V, p.119-54.
- NOAILLY, M. *Le substantif épithète*. Paris: PUF, 1990.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Curso Médio. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.